

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



ἩΜΕΙΣ ΤΟΙΣ ΠΑΙΣΙΝ ΤΗΣ ΠΟΛΕΩΣ
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Segue-se um encorpado núcleo de apêndices (pp. 133-205), que incluem «English terms and their equivalents in French and German» (pp. 133-138), «Position of Dots and Strokes and their Phonetic Implication» (pp. 139-147), «Introduction to Reading Ancient Egyptian Names» (pp. 149-168), «Introduction to Reading Deities Names» (pp. 169-184), «Names of Egypt known from ancient times» (pp. 185-186) e «Royal Epithets, Royal Crowns, Vocabularies and Usual Formulae used in Scenes and Texts from Ancient Egypt» (pp. 187-205).

O volume, de paginação agradável, vai rematar com a lista de signos hieroglíficos, seguindo a proposta de organização idealizada por Sir Alan Gardiner há já muitos decénios (pp. 209-275), um índice de signos com a respectiva numeração gardineriana identificadora (pp. 279-284), e uma útil bibliografia (pp. 285-287).

Os leitores interessados na aprendizagem da escrita hieroglífica, a começar naturalmente pelos alunos universitários que nos seus cursos dispõem de uma cadeira (unidade curricular opcional) dedicada a este tema, poderão, com sumo proveito, utilizar este volume do professor Abd el-Halim Nur el-Din, que em boa hora produziu esta gramática cuja vocação pedagógica é reforçada pelo facto de no final de cada capítulo serem propostos exercícios sobre a matéria apresentada.

Luís Manuel de Araújo

DAVID SOLER e JAVIER VILLALBA (dir.), *História da Humanidade. O Egipto e as Antigas Civilizações*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2007, 412 pp. (profusamente ilustrado), ISBN 078-972-42-4118-0.

Com a habitual qualidade gráfica das edições do Círculo de Leitores, que conta entre os seus títulos diversas obras de temática histórica, dispõem agora os leitores de língua portuguesa de mais um volume onde o Egipto é o tema dominante. Ele não é de facto o único, dado que este bem ilustrado álbum contempla outras civilizações, mas é a atraente civilização egípcia que acaba por assumir destaque, desde logo enfatizada no próprio título, se bem que seja o quarto tema do volume, depois da Mesopotâmia e de outras civilizações e culturas. Já o original espanhol, editado em Barcelona, apresentava como título *Historia de la Humanidad: Egipto y las civilizaciones antiguas*.

Coube a Federico Lara Peinado a coordenação do presente volume, traduzido para português por Manuel Barreiros, com a competente revisão tipográfica de Pedro Ernesto Ferreira. A coordenação científica portuguesa esteve a cargo de Paulo Lopes, tendo sido solicitada ao Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a revisão científica, levada a termo pelo autor desta recensão.

Depois de uma apresentação na p. V, segue-se uma útil elucidação sobre os elementos gráficos da obra (pp. VI-VII), explicando o significado dos pictogramas que remetem para a consulta das lâminas temáticas, quadros, mapas e cronologias, e os conteúdos da obra (p. VI). Na apresentação fica o leitor informado acerca da intenção dos editores: «Com este volume, o leitor internar-se-á, de maneira simples e agradável, no conhecimento do Egito e das velhas civilizações do Mediterrâneo através de cinco cenários fundamentais: a farta bacia do Nilo, sustento do antigo Egito; as férteis terras da Mesopotâmia, irrigadas pelo Tigre e pelo Eufrates, centro de gravidade do mundo sumério e dos impérios Acádio, Babilónio e Assírio, e seus sucessores; o mundo anatólio, berço do Império Hitita; o vasto planalto iraniano, de onde surgiram o Império Persa aqueménida (enfrentando os Gregos e por eles destruído) e os seus herdeiros: o Parto (pesadela de Roma) e o Sassânida (inimigo mortal do Império Bizantino); e, por fim, os territórios compreendidos entre a Síria e a Palestina, o lugar onde viveram Hebreus e Fenícios, e a zona que todas as potências citadas pretenderam submeter devido ao seu interesse estratégico e económico: quem dominasse estas terras teria nas mãos a chave – ontem como hoje – do Médio Oriente.»

A primeira unidade temática é dedicada aos grandes impérios da Mesopotâmia (pp. 1-94), sendo da autoria de Federico Lara Peinado. Começa com os Sumérios e os Acádios, a evidenciar o legado da terra fértil, o Império Babilónio (com as suas várias fases, desde a paleobabilónia de Hammurabi à neo-babilónia de Nabucodonosor), e o Império Assiro, «o povo mais aguerrido da Antiguidade».

Depois surgem os Persas, Partos e Sassânidas, englobados numa nova unidade temática (pp. 95-138), da autoria de Carlos González Wagner e Santiago Montero Herrero, aqui se destacando os Persas Aqueménidas como unificadores do Próximo Oriente, cujas tradições foram continuadas pelos Partos após a interrupção helenística propiciada pelas conquistas de Alexandre e pelos reinos criados pelos seus sucessores, e depois pelos Sassânidas, que subsistiram até à conquista árabe do século VII.

As primeiras civilizações mediterrânicas (pp. 139-204) incluem o Império Hitita com o seu centro nevrálgico na Anatólia, o montanhoso reino de Urartu, um irreductível inimigo da Assíria, os Arameus, que partiram de um instável nomadismo para fundar reinos e impor a sua língua a todo o Próximo Oriente pré-clássico. O autor dos textos sobre estes povos foi Jorge Martínez-Pinna Nieto, cabendo a Pilar Fernández Uriel redigir os dois restantes capítulos desta unidade temática dedicados a Ebla e Mari, com as revelações proporcionadas pelas recentes escavações nestes sítios arqueológicos.

Segue-se o antigo Egipto (pp. 205-332), da autoria de Ana Maria Vázquez Hoys, começando pela apresentação do meio natural e pela exaltação do «dom do Nilo», as origens e apogeu da civilização egípcia percorrendo os seus quatro milénios de história, a cultura egípcia e a sua permanente demanda do Além preparado com afinco durante a vida terrena, e a importância da milenar civilização do país do Nilo sopesada à luz das descobertas arqueológicas.

A quinta unidade temática é dedicada a Israel (pp. 333-374), proporcionando-nos o texto de Pilar Fernández Uriel um conhecimento da odisseia do «povo eleito» e da história dos Israelitas, desde o nebuloso tempo dos patriarcas, juízes e reis, as relações com o Egipto, a instalação em Canaã, os reinos de Israel e Judá, a queda e a restauração, o legado ideológico e literário da Bíblia.

Por fim, coube a Carlos González Wagner evocar os Fenícios (pp. 375-408), senhores do comércio e do Mediterrâneo, onde impuseram uma forte talassocracia que rivalizou, durante muito tempo, com os interesses comerciais gregos. É sublinhada a formação do povo fenício, «uma nação sem vocação de estado», a primazia do comércio como expoente de uma civilização pragmática e intelectual (eles inventaram o alfabeto), e as suas crenças, cultos e ritos.

No final de cada unidade temática encontra-se uma cronologia que perspectiva os principais acontecimentos do período tratado, situando o leitor no tempo e levando-o, em suma, a apreender, em perceptível sincronia e em diacronia, os acontecimentos políticos, culturais, sociais, económicos e religiosos – e este aspecto enriquece bastante o volume, cuja paginação é esmerada e atraente.

Trata-se de uma cativante obra de fruição histórica e civilizacional, mas também uma edição de grande qualidade gráfica, da qual os leitores em geral e os estudantes em particular podem tirar notório e eficaz proveito.

Luís Manuel de Araújo